

RESSIGNIFICANDO A EJA/PROEJA: UM OLHAR PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Guillermo Alberto Lopez¹;

IFBA, Salvador, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/8949059624508320>

<https://orcid.org/0000-0002-9944-8571>

Livanildes Pereira Santos²;

IFBA, Salvador, Bahia.

<https://lattes.cnpq.br/1455484620924114>

Telma de Sousa Soares Britto³.

IFBA, Salvador, Bahia,

<http://lattes.cnpq.br/7692074614021656>

<https://orcid.org/0009-0003-1482-5126>

RESUMO: O contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) remete ao seu processo histórico de formação, sendo necessário refletir sobre os motivos pelos quais tais modalidades nunca foram prioridade das políticas públicas e os desafios encontrados desde seu surgimento e na necessidade de pensar em políticas públicas que permitam sua adequação às reais necessidades desse público, marcado por estereótipos e opressões. Deste modo, o presente ensaio objetivou compreender o processo de formação da EJA na EPT, identificando os estereótipos e os preconceitos na educação de jovens e adultos e a inserção da Educação profissional e tecnológica, levando-se em consideração as possíveis modificações no fazer pedagógico, evidenciando as suas potencialidades de forma a criar estratégias para vencer desafios impostos pelo sistema capitalista. Metodologicamente, a pesquisa delineou-se como qualitativa, de natureza explicativa, com foco na pesquisa bibliográfica, a fim de entender a complexidade da EJA na EPT, em âmbito nacional, realizando-se também um levantamento histórico, marcos legais, decretos e leis referentes às modalidades supracitadas. Buscou-se também elementos que permitissem ressignificar a educação de jovens e adultos e a educação profissional e tecnológica, suas potencialidades, desafios e possibilidades no cenário nacional. Sendo essencial realizar investimento na formação do professor, no uso de metodologias ativas, na pedagogia de projetos e em metodologias voltadas para a formação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos. PROEJA. Ressignificação.

RE-signifying EJA/PROEJA: A LOOK BEYOND STEREOTYPES IN ADULT EDUCATION

ABSTRACT: The context of Youth and Adult Education (EJA) in Professional and Technological Education (EPT) refers to its historical training process, making it necessary to reflect on the reasons why such modalities were never a priority in public policies and the challenges encountered since their emergence and the need to think about public policies that allow them to adapt to the real needs of this public, marked by stereotypes and oppression. In this way, the present essay aimed to understand the process of training EJA in EPT, identifying stereotypes and prejudices in the education of young people and adults and the insertion of professional and technological education, taking into account possible changes in pedagogical practice, highlighting their potential in order to create strategies to overcome challenges imposed by the capitalist system. Methodologically, the research was outlined as qualitative, explanatory in nature, with a focus on bibliographical research, in order to understand the complexity of EJA in EPT, at a national level, also carrying out a historical survey, milestones legal provisions, decrees and laws relating to the aforementioned modalities. Elements were also sought that would allow for a new meaning in the education of young people and adults and professional and technological education, their potential, challenges and possibilities on the national scene. It is essential to invest in teacher training, the use of active methodologies, project pedagogy and methodologies aimed at human development.

KEY-WORDS: Stereotypes. PROEJA. Resignification.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição, conforme Sibilía (2012) surgiu para atender o interesse do sistema capitalista de modo a oferecer subsídio à demanda específica ao projeto histórico, coadunando-se aos ideais da Revolução Francesa. Para atender esse propósito, necessitavam de pessoas que dominassem a escrita e a leitura, assim como as operações matemáticas, devendo estar em consonância aos usos e costumes da moral laica da burguesia. E a escola para assumir este papel, sua função era mecanicista objetivando atender as indústrias, “configurando” os estudantes em “peças” para alimentar as engrenagens da era industrial, seja no processo de operação das máquinas e/ou manutenção, reparos e ajustes destas, subsistindo no interior da produção a necessidade de qualificação específica, daí surgindo cursos profissionalizantes organizados pelos setores empresariais ou do sistema de ensino, tendo em vista as necessidades do processo produtivo.

Diante disso, as revoluções industriais desencadearam a reorganização das relações sociais, devido a nova forma de produção da existência do ser humano e com isso derivando uma revolução Educacional. Contudo, a educação concebida pela burguesia acentuou a desigualdade social, de um lado estava o campo de trabalho manual voltado ao proletariado, o qual demandava uma formação prática ao passo que a elite destinava-se às profissões intelectuais para atuar nos diversos setores da sociedade (SAVIANI, 2007). Castells (1999) ainda ressalta que a sociedade contemporânea é influenciada acentuadamente pelo fomento à ciência e consequente produção tecnológica, sobretudo, com o advento da 3ª e 4ª Revoluções industriais. Assim, a inovação tecnológica vivenciada na atualidade acaba por refletir no estágio de conhecimento, no sentido material, institucional, cultural, social e econômico associados à dimensão tempo-espacial, face a velocidade da difusão tecnológica ser seletiva tanto em termo funcional, quanto social, sendo os contextos culturais/institucionais e a ação social preponderantes na interação com o novo sistema tecnológico. Na atualidade percebe-se uma maior discussão e necessidade de pensar numa escola que não veja o sujeito como mero técnico, mas politécnico, “a politecnia [...] tratará de concentrar-se nas modalidades fundamentais que dão base à multiplicidade de processos e técnicas de produção existentes” (SAVIANI, 2007, p.161).

Então, pensar em politecnia é unir a formação intelectual ao trabalho produtivo, não restringindo-se a formação para operar, manter e ajustar máquinas ou atuar em uma profissão específica de maneira mecânica. Conforme Sant Ana et al (2019, p.34) o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada e articulada à modalidade de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) precisa ser compreendida para além do mercado de trabalho, com a finalidade de formar estudantes na sua integralidade, a partir do currículo integrado, de modo a refletir sobre a possibilidade da formação omnilateral e politécnica dos estudantes. O perfil cada vez mais diverso em relação a EJA e com a entrada cada vez maior do público jovem trouxe um paradoxo na escola, visto que o processo histórico de exclusão tem se reduzido, uma vez que os laços geracionais são reafirmados a partir de um discurso que mostra como ser jovem traz vantagens imensuráveis (KEHL, 2004).

Já os adultos, ao contrário dos jovens que olham para o futuro, têm interesses voltados para o presente, preocupando-se em melhorar e garantir sua vida profissional, refletindo sua responsabilidade de sustentar suas famílias e educar seus filhos. Além da carga social em relação aos passos que esses devem dar para serem considerados “bem-sucedidos na vida”. Assim, a EJA é desafiadora, uma vez que, na maioria das vezes, os estudantes se viram obrigados a desistir dos estudos devido a fatores diversos tendo que trabalhar muito cedo e abandonar a escola. Sendo que o retorno desses exige uma nova subjetividade, pois agora eles não estão apenas na sala de aula, mas também têm que dividir espaços com outras subjetividades diversas de raça, gêneros, etnia e idades distintas. A ideia do sujeito “migrante que chega às grandes cidades do meio rural pobre, filho de assalariados rurais pouco qualificados e com baixa escolaridade” (OLIVEIRA, 1999) dá origem a um sujeito que transforma o mundo em que vive em áreas rurais ou urbanas.

Neste contexto, o presente ensaio objetiva compreender o processo de formação da EJA na EPT, identificando os estereótipos e os preconceitos na educação de jovens e adultos e a inserção da Educação profissional e tecnológica, com vistas a possíveis modificações no fazer pedagógico. Para tal, pretendeu-se: Identificar os estereótipos e possíveis opressões dentro do contexto histórico do perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na modalidade de Educação Profissional e Tecnológica (EPT); Caracterizar as potencialidades; Refletir sobre possíveis caminhos e potencialidades da EJA na EPT de forma a criar estratégias para vencer desafios impostos pelo sistema capitalista.

Destarte, pensar no contexto da EJA na EPT remete ao seu processo histórico de formação, enquanto instrumento legal utilizado tanto pelos setores empresariais quanto no Estado como provedor do sistema educacional, contudo é necessário refletir sobre as nuances dos motivos pelos quais a EJA nunca foi prioridade das políticas públicas. Ainda faz-se necessário ressaltar que vários são os estereótipos e opressões vivenciados, além dessa modalidade se inserir num perfil heterogêneo de sujeitos jovens, adultos, idosos e em sua maioria negros, provenientes de classes trabalhadoras, minorias sociais, pessoas privadas de liberdade, refugiados, dentre outros membros desse universo. Assim, identificar, analisar, refletir e ressignificar os estereótipos e as opressões vivenciadas, bem como, validar possibilidades de uma visão emancipatória, podem levar a uma reflexão e mudanças de atitudes no fazer pedagógico que até então se apresentavam de caráter assistencialista. Desta forma o presente texto visa trazer reflexões e contribuições no intuito de ressignificar o olhar em relação a essa modalidade de ensino, permitindo ampliar a cosmovisão, vislumbrando oportunidades, possibilidades e potencialidades ao se pensar em estratégias para o fazer pedagógico voltado para esse público.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para que possamos compreender os possíveis olhares, estereótipos e opressões ligadas à educação de jovens e adultos e ao Proeja, realizamos uma breve revisão histórica contemplando a EJA até seu imbricamento com o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a educação Básica na EJA (PROEJA), logo em seguida buscamos analisar a etimologia de algumas palavras usadas para caracterizar a EJA, as estereótipos, opressões e argumentos que possibilitem um olhar crítico sobre o perfil dos estudantes, situado-a no contexto histórico-político-social na qual estão inseridas.

Breve Contextualização do Proeja e o Imbricamento do Trabalho e Educação

Pensar na educação de jovens e adultos no contexto da educação profissional e tecnológica denominada PROEJA, implica em refletir sobre os desafios encontrados nessa modalidade de ensino desde seu surgimento até sua implementação no Brasil e na necessidade de se pensar em políticas públicas que permitam sua adequação às reais

necessidades desse público. Historicamente a Educação de Jovens e Adultos se confunde com o histórico da educação no país, desde o processo de colonização, com foco numa educação mais instrumental. Com a vinda da família real em 1878, surgiram as primeiras escolas com foco na alfabetização de adultos do sexo masculino. Em 1934, no período da República, surge o plano nacional de educação no artigo 150 da Constituição Federal de 1934 que trouxe as primeiras normatizações acerca da educação no país, o qual ficou estabelecido a competência da União em fixar o plano nacional de educação, coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o País; determinar as condições de reconhecimento oficial dos estabelecimentos de ensino; organizar e manter os sistemas educativos apropriados, nos territórios; Além de manter no Distrito Federal os diversos graus de ensino e “exercer ação supletiva, onde se faça necessária, de forma a estimular a obra educativa em todo o País, através de estudos, inquéritos, demonstrações e subvenções” (BRASIL, 1934).

Dentro desta perspectiva a educação passa a ser dever do Estado com garantias a gratuidade e inclusão de todos os públicos, inclusive aos que não conseguiram concluir seus estudos no ensino regular, que é o público da Educação de Jovens e Adultos. Na década de 1940, surgiram iniciativas de fortalecimento da EJA. Somente em 1996 com a promulgação da LDB 9394/96, denominada nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, houve a retomada da EJA gratuita nas escolas públicas. Em 2005 houve a integração da Educação de Jovens e Adultos à educação profissional, através do decreto número 5.478, denominado Programa de Integração da Educação Profissional a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, com foco no ensino médio, sendo ampliado em 2006, envolvendo toda a educação básica, analisando o contexto da criação do PROEJA e da EJA percebe-se que houve muitas idas e vindas, variando ao longo do tempo a concepção de educação para esse público, de uma visão libertária com sua implementação na Constituição de 1934, para uma visão tecnicista no período da Ditadura Militar e a retomada das políticas voltadas à universalização do ensino e articulação com a formação profissional no período pós ditadura.

Entretanto, de acordo com Sant Ana et al (2019) na atualidade percebe-se que a articulação entre a EJA e a EPT perpassa não somente a formação tecnicista, mas também a emancipatória e a luta pela igualdade de direitos, através de movimentos organizados. Sendo a concepção humanista eficaz para essa perspectiva por trazer ao bojo da discussão o reconhecimento do homem como um ser integral, constituinte da natureza, deste modo procura-se abordar a educação na sua integralidade, trazendo ao debate e consequente implementação ao fazer pedagógico a politecnia e omnilateralidade, ao mesmo tempo que o trabalho é trazido como um princípio educativo, não perdendo de vista a ontologia do ser.

O trabalho deve ser concebido como criação humana para atender suas necessidades e reproduzir-se, para isso, modifica-se a natureza, contudo deve-se ressaltar que o ser humano dessa faz parte (MARX e ENGELS, 1974 apud SAVIANI, 2007), devendo-se ressaltar que a educação e o trabalho são atributos essencialmente humanos, pois para Saviani (2007) a existência humana torna-se uma dádiva natural quando é garantida pela

natureza e produzida pelos próprios homens, sendo um produto do trabalho, isto é, ao nascer ele precisa formar-se homem, passando por um processo educativo até produzir sua própria existência.

Mas, há uma outra vertente em que o trabalho é visto como alienado pelo sistema capitalista, pois os trabalhadores não reconhecem o produto do seu trabalho, perdendo “o conhecimento da totalidade social”, onde as partes podem ganhar compreensão e significado (FRIGOTTO et al, 2005). Vale ressaltar que a sociedade brasileira historicamente insere-se no contexto do capitalismo e consequente divisão da sociedade em classes sociais, sendo os indivíduos menos favorecidos alienados, em que o trabalho realizados configura-se em um mecanismo para a manutenção do sistema, tangente a produção de bens e geração de riquezas visando a conservação do *status quo* da elite e do proletariado (SANT ANA et al, 2019), que sob a ótica do capitalismo acaba cumprindo a sua função social e isto se reverbera nos altos índices de analfabetismo e na desigualdade social, na segunda metade do século XX, os quais relacionam-se à falta de motivação dos estudantes pela escola e à necessidade de trabalhar.

Entre os Estereótipos e as Opressões: Dilemas Presentes na Vivência dos Estudantes de EJA na EPT

O termo estereótipo, teve sua conceituação legitimada na contemporaneidade, através de Lippman (apud CAMPOS et al, 2021), em 1922 ao desenvolver um trabalho sobre “Opinião Pública”, enfatizando que os estereótipos são criados por analogia, por meio de “quadros mentais”, e as imagens mentais eram indispensáveis para fazer frente a uma grande quantidade de informações provenientes de nosso meio - deste modo definiu o termo como imagens mentais que se interpõem, sob a forma de enviesamento, entre o indivíduo e a realidade e são formados a partir do sistema de valores do indivíduo, tendo como função a organização e estruturação da realidade, ou seja, é um tipo de padrão construído pela sociedade, partindo de suas crenças, atribuindo características pessoais, traços de personalidades e comportamentos próprios das pessoas e determinados grupos, constituindo-se em uma ideia preconcebida que acaba colocando as pessoas ou grupos sociais em situações desagradáveis, criando rótulos, ditando seus comportamentos e padronizando sua imagem de forma bem preconceituosa.

Para Campos et al (2021) os estudos realizados mostraram que os sujeitos eram definidos pela sociedade como forma de defesa pessoal e que a cultura e a tradição familiar tinham uma interferência nesse processo e que julgar as pessoas com base no grupo ao qual ela faz parte é uma das formas de soluções efetivas utilizadas pelas pessoas em seu dia a dia. Ainda é preciso salientar a existência de vários tipos de estereótipos, criados a partir de comportamentos, ações e aspectos físicos e aplicados em vários grupos e categorias sociais, são eles: o Estereótipo Social e Econômico relacionado a classe social; o estereótipo de Gênero, praticado pela sociedade, desde quando nascemos, impondo o sexo masculino

em detrimento dos demais gêneros existentes na atualidade; os estereótipos Étnicos e Culturais, associado às raças, etnias e culturas. Além destes, existem os estereótipos e preconceitos ligados à educação onde determinados cursos se sobrepõem a outros, como os cursos de medicina, direito e engenharia, em detrimento de cursos voltados à formação de professores e profissionais ditos técnicos. Assim, percebe-se que os estereótipos e os preconceitos interferem na educação, principalmente na educação de jovens e adultos, pois a visão de educação está imbricada nas relações e trocas sociais que fazem com que tais questões levem os estudantes a caracterizar-se ou serem caracterizados, como alunos de baixa autoestima, com “dificuldade de aprendizagem, pouca participação e muitos atrasos ou faltas, que não representam necessariamente sinais de falta de interesse”, mas sim um reflexo das suas histórias de vida muitas vezes marcada pelo sofrimento e luta diária para manter as necessidades primárias de seus lares (GEVAERD; OLIVEIRA, 2009, p.73).

Para que seja possível ressignificar essas estereotípias que culminam em opressões de toda ordem é necessário se pensar na pedagogia de projetos, num modelo de currículo inclusivo que contemple reflexões acerca das especificidades de cor/ raça, de gênero, de orientação sexual, de classe, geracionais, entre outras; as expectativas, necessidades e realidades da sociedade brasileira, em especial dos jovens e adultos (PASSOS e SANTOS, 2018), em políticas públicas educacionais que visem a formação integral, humana e libertadora, pois “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. (FREIRE, 1974), ou seja, se não houver uma ressignificação dos sistemas vigentes de opressão será impossível reverter o quadro de opressão existente, pois a opressão é algo que sufoca, faz com que as pessoas se sintam reprimidas, humilhadas e mudem de comportamento de forma inesperada, sendo a prática de desumanização como traço definidor de toda a prática opressora (DALAQUA, 2020).

METODOLOGIA

A pesquisa delineou-se como qualitativa, de natureza explicativa, com foco na pesquisa bibliográfica que foi realizada no mês de maio de 2023, acerca dos principais expoentes que se debruçam a entender a complexidade da educação de jovens e adultos e a educação profissional e tecnológica. Optou-se pelo estudo bibliográfico porque se pretendeu, em conformidade com Minayo (2004, p.98), “[...] destacar as categorias centrais, os conceitos e as noções usadas pelos diferentes autores” que tratam desses sujeitos da EJA em âmbito nacional. Em seguida realizou-se um levantamento histórico, marcos legais, decretos e leis que legitimam essa modalidade de ensino, utilizando textos e materiais disponibilizados na plataforma ava, bem como, em artigos científicos de domínio público dos institutos federais, disponíveis nas plataformas digitais para que fosse possível entender os motivos atrelados aos estereótipos que fazem com que este público seja estigmatizado com base na etimologia da palavra suas raízes e tipos existentes em nossa sociedade. Ao final buscamos elementos que nos permitissem ressignificar a educação de

jovens e adultos e a educação profissional e tecnológica, suas potencialidades, desafios e possibilidades no cenário nacional.

PROBLEMATIZAÇÕES E POSSÍVEIS POTENCIALIDADES

Os marcos legais descritos na figura 1 demonstram que existe todo um contexto que embasa a importância das políticas públicas, principalmente no contexto da EJA, entretanto, a efetivação das mesmas não tem se refletido em melhorias na educação em sala de aula. Outro fator importante é a mudança cada vez mais evidente do perfil de matrículas e do público da educação de jovens e adultos com uma crescente entrada de jovens na faixa etária de 18 a 24 anos. Segundo o gráfico abaixo (figura 2), nos últimos 10 anos houve um aumento significativo de entrada de jovens e o decréscimo das matrículas para o público alvo com idade superior a 30 anos.

Figura 1 - EJA e EPT - Marcos e Leis

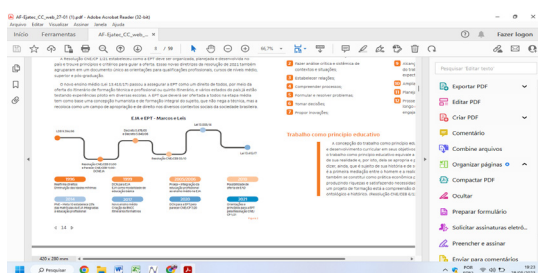
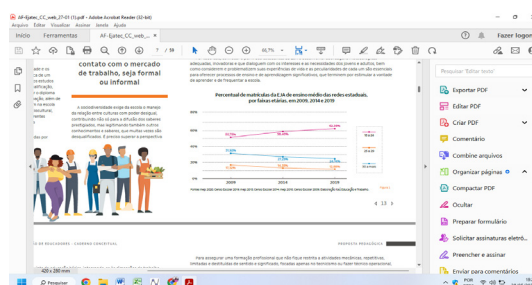


Figura 2 - Percentual da EJA de ensino médio das redes estaduais por faixas etárias em 2009, 2014 e 2019.



FONTE: CHIAMARELLI; LOMONACO (Orgs), 2021.

Diante deste cenário Vasques et al (2019) salienta a importância de se propor práticas pedagógicas contextualizadas e significativas para os alunos, valorizando suas experiências de vida, considerando a relação entre o trabalho, as práticas sociais e culturais, de modo a contribuir para a melhoria da aprendizagem, fortalecendo os vínculos e reduzindo os índices de abandono escolar. De acordo com Silva et al (apud AMORIM, 2017) a sociedade civil teve uma grande participação nos processos de formulação e consolidação das políticas educacionais, e como representatividade os Fóruns da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo corresponsável pela EJA como Política Social e na implementação do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024.

A necessidade de formação continuada para os professores objetiva instrumentalizar o docente de forma a garantir as identidades, por ser um produto social e de própria ação do sujeito, assim, quando falamos de identidade, falamos de forças sociais, zonas de interseção, divisão, cujos resultados são sempre imprevisíveis. Isto posto, é um processo permanente de construção/ desconstrução/ reconstrução, redefinindo a identidade desse profissional, portanto, um processo de produção do sujeito historicamente situado. Consequentemente,

para delinear a personalidade de um professor de EJA, é preciso entender a referida modalidade como uma área singular que não corresponde aos padrões normais do ensino fundamental e médio. Em relação ao professor no contexto da EJA, toda a sua história, apesar de terem tentado silenciá-lo, sempre foi erigida por práticas libertadoras, emancipatórias, dinâmicas que vieram a legitimar a formação de uma identidade múltipla, multifacetada, instável e fragmentada, que atravessa uma atitude de modernidade, entendida como outra forma de pensar e agir (FOUCAULT, 2005).

Quadro 1 - Síntese das problematizações e potencialidades: articulação do EJA na EPT.

EIXO	PROBLEMATIZAÇÕES (Estereótipos e Opressões)	POTENCIALIDADES (Ressignificação)
Políticas Públicas na EJA / Proeja	Políticas públicas pontuais, pautadas em decretos, normatizações atreladas às políticas vigentes.	EJA/EPT como política pública efetiva. Trabalho como princípio educativo.
Infraestrutura	Ausência de materiais didáticos com foco na EJA/Proeja na PNLD; Recursos financeiros priorizados na Educação das crianças e jovens.	Inclusão da EJA/Proeja na Política Nacional de Livros Didáticos. Equalização dos investimentos na Educação.
Professores	Professores que atuam na EJA/Proeja não possuem formação para atuação na educação de adultos.	Investimento na Formação Continuada do professor.
Estudantes	Estudantes com baixa auto estima, elevado índice de evasão nas turmas de EJA e Proeja.	Práticas Pedagógicas com foco na Andragogia, Heutagogia, educação humanista e emancipatória.
Currículo	Descontextualizado com as necessidades e perfil do público da Eja, desconsiderando saberes, vivências.	Importância do Letramento, da Oralidade, Pedagogia de Projetos, afetividade, dentre outros.
Sociodiversidade	O perfil dos estudantes é multifacetado, com idades, gênero e questões étnico raciais e religiosos diversos invalidados.	Considerar os diversos atores sociais, seus saberes, sua ancestralidade, cultura, gêneros com foco na educação humanista.
EPT, o Mundo do Trabalho e Tecnologia	Estudantes da EJA muitos já possuem alguma experiência, vivência em relação ao trabalho formal ou não formal e ao mundo do trabalho.	Promover o protagonismo em sala de aula, com foco em atividades práticas contextualizadas, na politecnia. Integração dos saberes com a ciência, a cultura, a arte, a tecnologia e a pesquisa.
Aprendizagem ao longo da vida	Mundo em constante evolução, necessidade de adequação ao mercado de trabalho em constante transformação... obsolescência..	A aprendizagem contínua, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Pautada numa educação integral.

FONTE: Autoria própria.

A tabela acima contempla de forma sucinta alguns elementos que pautaram as reflexões acerca de possíveis potencialidades existentes no contexto da EJA e EPT, que nos permite trazer contribuições para ressignificação do olhar em relação à educação de jovens e adultos e ao PROEJA. Trabalhar na EJA e EPT é também permitir a realização de sonhos, tais como o sonho de Sidney que traz a seguinte perspectiva:

Aos 31 anos, comecei a sonhar toda noite [...] estava em uma sala de aula com todos os meus colegas de infância. E esse sonho se repetia dia após dia, noite após noite[...] Certo dia, em uma manhã, minha esposa me deu a notícia de que um carro de som volante estava anunciando um curso de EJA. Ela me disse que estava pensando em voltar à sala de aula. Naquele momento, eu percebi que aquilo era um sinal de que meu sonho estava para acontecer (GEVAERD; OLIVEIRA, 2009, p36).

...Depois de assistir a todas as palestras dadas pelos movimentos naquele dia, fiquei um pouco empolgado. Todas aquelas pessoas falando de direitos sociais, inclusão social, política social [...] Estavam presentes até representantes do Haiti, porém o discurso que mais me emocionou foi o do Presidente Nacional da “COM LUTAS”. Ele citou exemplos de lutadores pelos direitos humanos desde a colonização até os nossos dias. Citou o genocídio indígena pelos europeus, porém os índios não desistiram da luta e sobrevivem até os dias de hoje. Cada fala era encerrada com a seguinte frase: “[...] Isso nos demonstra que é preciso lutar e que é possível vencer[...]” Essa frase ficou gravada em meu subconsciente. Decidi então ser um lutador pelos direitos humanos, que começaria a defender das injustiças aqueles que não têm coragem de se defender. Foi aí que começou uma nova fase em minha vida aqui no IF-SC. (GEVAERD; OLIVEIRA, 2009, p.43)

A educação de jovens e adultos, dentro do contexto da EPT significa dar voz a esses sujeitos, trazer o protagonismo, desenvolver competências e habilidades que possibilitem sua adequada inclusão social, o acesso às tecnologias e permitir o desenvolvimento da cidadania, tão importante no cenário nacional e mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto posto, é importante ressaltar que a integração do EJA na EPT, ainda carece de políticas públicas consistentes promotoras de inclusão e permanência desses estudantes, levando em consideração seus interesses, necessidades, historicidade e singularidades, e de ações voltadas à formação continuada de professores pautados na andragogia, heutagogia, na educação libertária e na formação técnica e profissional para atuação na EPT.

Assim, promover uma educação humanista e emancipatória com base nos pilares recomendados pela Unesco (1999) que são: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a conhecer, com foco na omnilateralidade e na politécnica são essenciais ao fazer pedagógico exitoso, ressignificando o olhar em relação a educação de

jovens e adultos dentro do contexto da educação profissional e tecnológica tendo em vista a construção de uma formação pautada na educação integral, emancipatória, omnilateral no qual os estereótipos associados a esse público sejam desmistificados, atentando-se a necessidade de se pensar em políticas públicas de valorização dos profissionais que atuam na área, do aprender a aprender, e do perfil cada vez mais abrangente desse público, em vez de ações pontuais realizados por meio de decretos que refletem apenas necessidades pontuais e não na educação como forma de transformação social e de se pensar no trabalho como princípio educativo.

Para isso é essencial realizar investimento na formação do professor, no uso de metodologias ativas, na pedagogia de projetos e em metodologias voltadas para a formação humana, pensando em políticas educacionais que atendam aos anseios da população e também as demandas decorrentes da inserção das novas tecnologias para que o país possa acompanhar as transformações no cenário mundial cada vez mais exigente e em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ALLAIN, O.; WOLLINGER, P.R.; GRUBER, C. Desafios epistemológicos para a Educação Profissional Tecnológica. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317167609_Desafios_epistemologicos_para_a_Educacao_Profissional_Tecnologica>. Acesso: 12 mai 2023.

AMORIM, A.; DANTAS, T.R.; AQUINO, M.S. **Educação de jovens e adultos**: políticas públicas, formação de professores, gestão e diversidade multicultural. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27196/1/EducacaodeJovenseAdultos-PoliticasPublicas_AMORIM%2C%20DANTAS%20e%20AQUINO.pdf>. Acesso em: 20 mai 2023.

BRASIL. Constituição (1934). Lex: Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm . Acesso 23 mai 2023.

CAMPOS, L.A.M. et al. O QUE SÃO ESTEREÓTIPOS. Rio de Janeiro, v. 17, n.2, 2021. Disponível em:< <https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/520/463>>. Acesso em: 21 mai 2023.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed., vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.39-113.

CHIAMARELLI, C.; LOMONACO, B. (Orgs), 2021. Educação de Jovens e Adultos articulada à educação profissional e tecnológica no Ensino Médio [livro eletrônico]: material de apoio à formação de educadores: caderno conceitual. Coordenação: LIMA E SILVA, L.F.; PISTELLI, R.P. São Paulo, SP: Fundação Itaú para a Educação e Cultura, 2021.

DALAQUA, G.H. O QUE É OPRESSÃO? In: ABREU, Janaina; PADILHA, Paulo Roberto (orgs.). **Aprenda a dizer a sua palavra**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/DALOQD>>. Acesso em: 22 mai 2023.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. In: COSTA, H. da; CONCEIÇÃO, M. **Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005. p. 63-71.

FOUCAULT, M. O que são as luzes? In: MOTTA, M. (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b. v. 2, p. 335-366. Coleção Ditos & Escritos.

GEVAERD, E.A.P.; OLIVEIRA, S.D.de. **Proeja: O Aluno**. Florianópolis: Publicação do If-Sc, 2009. 80p. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/Proeja_OAluno_web.pdf/4be5e376-7707-c07e-1434-7d6c48d293f6>. Acesso: 25 mai 2023.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, V. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação** (pp. 89-113). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

LIMA, M.E.O. e PEREIRA, M.E. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador, EDUFBA, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%2C%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf>>. Acesso em: 21 mai 2023.

OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 12, dez. 1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 21 mai 2023.

MINAYO, M.C.de S. (Org). O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

PASSOS, J.C. dos; SANTOS, C.S.dos. A educação das relações étnico-raciais na eja: entre as potencialidades e os desafios da prática pedagógica. **Edu. Rev.** 34, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/dsQgRT7Lzd7zM84DtrgB6jv/#>. Acesso: 25 mai 2023.

SANT ANA, W.P. et al. Reflexões sobre a articulação e integração entre Educação Profissional e Tecnológica e Educação de Jovens e Adultos. **Educação Profissional**

e Tecnológica em Revista, v. 3, n° 2, 2019, p.22-36. – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <<https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/download/433/380/1509>>. Acesso: 23 mai 2023.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12 n. 34 jan./abr. 2007, p.152-165. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso: 23 mai 2023.

SIBILIA, P. A escola no mundo hiperconectado: Redes em vez de muros?. **Matrizes**. Ano 5 – no 2 jan./jun. 2012, p.195-211 - São Paulo.

VASQUES, C.C.; ANJOS, M.B. dos; SOUZA, V.L.G. de. Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Educação Pública**, v. 19, n. 16, 13 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/16/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-eja>>. Acesso: 21 mai 2023.